

Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia de Lourdes Conde FEITOSA, São Paulo: Annablume, 2005. 166p.

por **Adilton Luís Martins***

Lourdes Conde Feitosa oferece ao público brasileiro o resultado da pesquisa de seu doutoramento em 2002. Desde o seu mestrado orbita os temas da sexualidade, do corpo, da moral e da história antiga romana. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE) da UNICAMP e professora das Faculdades Integradas de Jaú. Publicado pela editora Annablume em parceria com a FAPESP, agrada a muitos críticos do consumismo intelectual, pois não apresenta os recursos plásticos que elevam o preço e desinstrumentalizam o texto. Compõe o terceiro volume da coleção *história e arqueologia em movimento*, dirigida pelo professor-titular do Departamento de História da UNICAMP Pedro Paulo Funari, voltada, entre outras coisas, à apresentação de diversas influências teórico-metodológicas na historiografia contemporânea sobre a Antigüidade.

O livro se organiza de modo simples. A apresentação é da professora Maria Isabel D'Agostino Fleming, da Universidade de São Paulo – USP. Na introdução, a autora revela o mapa de suas influências e de sua metodologia, nomeadamente, a teoria de gênero, a micro-história, a escola dos *Annales*, a teoria crítica – em especial, Walter Benjamin –, a psicanálise, o desconstrutivismo e o pós-modernismo, que pode ser facilmente compreendido como pós-estruturalismo foucaultiano.

A escrita pretende criar um texto relativamente simples, como um todo, e parte dos problemas teóricos e metodológicos nos estudos de gênero, discutidos no capítulo 1;

* Mestrando na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Franca e pesquisador do núcleo de estudos estratégicos (NEE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas - SP	Nº 12	185-187	2006
------------------------	---------------	-------	---------	------

em seguida, apresenta os problemas da historiografia sobre o erotismo nas fontes romanas da Antigüidade, no capítulo 2, e dá a conhecer, no capítulo 3, a origem da documentação, ou seja, o sítio arqueológico de Pompéia. Enfim, nos capítulos 4 e 5, discute os problemas relativos à cultura popular e analisa a documentação.

O texto apresenta, ainda, os recursos de uma extensa e complexa bibliografia, em diversas línguas, com destaque especial para a inglesa e a italiana, e também oferece notas de rodapé breves que, em geral, são citações de textos em língua original. Quanto à tradução, disposta no corpo do texto, permite a instrumentalidade crítica, atitude louvável. Divulga, finalmente, um rol dos grafites pompeianos analisados e muitas outras imagens em anexo.

A obra interessa-se pelo debate a respeito da abertura da história – em especial da história da Antigüidade, um dos campos mais resistentes à humanização do saber –, para questões científicas que dizem respeito ao tempo presente. Entre estas questões está a teoria de gênero e o seu combate epistemológico contra o machismo.

O primeiro capítulo permite um panorama geral das discussões sobre o gênero e as pesquisas sobre a Antigüidade, o que não quer dizer que não haja uma reflexão bem elaborada. Isto pode ser percebido a partir da presença de um problema teórico proposto por Michel Foucault e que a autora procura abordar, a saber, a utilização do termo e conceito de *sexualidade*. Mesmo alertando para o anacronismo da utilização deste para sociedades outras que não as do mundo moderno e eurocêntrico – e, em especial, para a Antigüidade romana –, a pesquisadora não apresenta uma epistemologia que dispense este *termo-conceito*. É provável que esta não superação seja devido à influência da psicanálise ou da falta mesmo de uma outra forma mais apropriada de pensar a questão da subjetividade e do sexo sem o dispositivo que orbita o termo *sexualidade*. Eis um problema geral das ciências humanas influenciadas pelo pensamento foucaultiano do qual, no entanto, o texto se ocupa. Tal emprego revela as preocupações de caráter epistemológico inseridas em meio à análise documental.

O capítulo 2 discute a desnaturalização de conceitos, em geral apriorísticos, como amor, desejo e erotismo. No entanto, a autora desenvolve a sua discussão de um ponto de vista mais fenomenológico. Entretanto, a discussão historiográfica permite atentar para as diversas interpretações do erotismo romano. Sem optar por um intérprete o seu texto

se posiciona, reafirmando certa norma sexual para a aristocracia romana, e possibilita uma introdução ao terceiro capítulo, que problematiza, apresentando o sítio arqueológico de Pompéia, a sexualidade não estriada, portanto lisa, da cultura popular.

A cultura popular, neste capítulo, está inserida em um debate sobre as condições sócio-econômicas das cidades romanas. A matriz da discussão é a idéia de Moses Finley de “cidade consumidora” e seus adversários, com a noção de comércio interprovincial. A autora opta pela posição da cidade produtora e consumidora, modelo pelo qual pensa a cidade de Pompéia. Estes aspectos permitiriam as experiências dos mais variados grupos sociais desprovidos de poder econômico. Estes grupos seriam constituídos de escravos, libertos, estrangeiros, antigos habitantes (anteriores à colonização romana) e pobres em diversas profissões. Assim, o latim expresso nas inscrições parietais permite uma compreensão de uma sociedade heterogênea, pois ele é variável em outra forma de construção e opção vocabular, influenciado por dialetos e pela ausência da prática de educação formal.

O capítulo 4 trata da *expressão popular nos grafites*. Sequencialmente, o quinto capítulo discute a especialidade do *amor* e da *sexualidade* nestes grafites. A análise destes capítulos permite reflexões inovadoras a respeito dos populares de Pompéia. O amor, o “*ato de foder*”, não é dividido apenas em relações hierárquicas do homem sobre a mulher, mas num amplo espaço de fluidez de imagens, intenções e desejos. Os papéis sociais são repensados como, por exemplo, o da mulher desejosa ou do prostituto. No entanto, a autora considera as dificuldades e as questões em aberto para as pesquisas a respeito. Como, por exemplo: se havia prostitutos, quais mulheres pagavam por este serviço?

Impõe-se, no trabalho, várias questões à história antiga, talvez a maior delas seja que os estudos sobre o tema, em geral, têm permitido conclusões a partir da aristocracia romana. Seriam, portanto, os trabalhos desempenhados pela historiografia a respeito do mundo clássico até nossos dias interpretações do pensamento das elites antigas? Normas, preconceitos, classificações, visões parciais seriam a base sustentadora da visão sobre o passado romano?

Por se tratar de um livro de produção nacional inovadora e apresentar um texto rigoroso no estudo de fontes, na temática e na discussão historiográfica, sem deixar de ser claro, a recomendação da leitura é uma obrigação que se impõe.